

A Medicina pós-moderna

Post-modern Medicine

Barros Veloso*

Resumo

O Autor depois de se referir ao modernismo e ao pós-modernismo como os grandes universos culturais que preencheram o século XX, tenta demonstrar que é legítimo falar também de uma Medicina moderna a que se seguiu uma Medicina pós-moderna. A primeira nasceu com a descoberta da penicilina e das sulfamidas e caracteriza-se por um certo optimismo, pelo crescimento de uma poderosa indústria farmacêutica, pelo apogeu da Cirurgia e pela criação do Estado-Providência. A segunda é marcada por um certo desencanto, pela invasão das novas tecnologias, pela redução do espaço ocupado pela Cirurgia tradicional e pelo colapso do Estado-Providência.

Abstract

After referring to modernism and post-modernism as the great cultural universes that fulfilled the XXth century, the Author tries to demonstrate that one can also talk about a modern and a post-modern Medicine. The first, born with the discovery of penicilin and sulphamides, is marked by a certain optimism, the growth of a powerfull pharmaceutical industry the height of Surgery and the birth of the Welfare-State. The hallmarks of the second are a general disillusion, the invasion of the new technologies, the progressive reduction of the weight of traditional Surgery and the colapse of the Welfare-State

Para muita gente, pós-modernismo será apenas o estilo que tomou conta da arquitectura a partir dos anos 80. Visão correcta, mas claramente limitada porque se trata, de facto, de um movimento muito mais amplo, cuja influência se estendeu a todas as formas de arte. Mais: à semelhança do que aconteceu com outras correntes estéticas (como o renascimento, o barroco e o romantismo), o pós-modernismo surgiu num contexto histórico específico, gerador de correntes de pensamento que modificaram comportamentos, estilos de vida e escalas de valores. No seu conjunto, o pós-modernismo consti-

tui, pois, um movimento cultural que tem influenciado os mais diversos aspectos da actividade humana nestas derradeiras décadas do século XX.

Como o nome indica, o pós-modernismo surgiu a seguir ao modernismo e, de certa forma, representa uma rutura em relação a ele. Para compreender o pós-modernismo parece, pois, indispensável identificar os elementos essenciais do modernismo que, nesta fase de transição, entraram em declínio e acabaram por ser substituídos por outros.

Diga-se, antes de mais nada, que moderno, modernidade e modernismo são palavras ambíguas que ora são utilizadas em sentido lato, ora em sentido restrito e, quase sempre, com pouca preocupação de rigor. Mas não andaremos muito longe da verdade se, neste contexto concreto, identificarmos modernismo com a cultura que dominou a história do Ocidente no período que se iniciou entre as duas grandes guerras e que, com morte anunciada em Maio de 68, teve o seu epílogo simbólico com a queda do muro de Berlim. É uma época longa, complexa, atravessada por acontecimentos tumultuosos e dramáticos, mas em que persistiram alguns componentes que lhe conferem uma identidade própria.

Um desses componentes – talvez o mais importante – está representado pelo peso dos sistemas ideológicos. Comunismo de um lado e capitalismo do outro, foram os dois pólos de uma dialéctica que marcou a vida de várias gerações e que esteve subjacente aos grandes conflitos sociais e à tensão entre as duas grandes potências que ficou para a história com o nome de “guerra fria”.

Outro componente algumas vezes referido, tem a ver com a preocupação de depurar a criação artística, protegendo-a da «contaminação» de elementos supérfluos, estranhos à cultura ocidental. Se, em termos globais, nem sempre terá sido exactamente assim, esta tendência foi pelo menos evidente na arquitectura (Corbusier e as escolas que influenciou), na arte abstracta e na chamada música erudita (dodecafonia e música concreta).

Finalmente o modernismo, na sua fase final, ficou marcado por um certo triunfalismo, na sequência de realizações espectaculares que geraram justificadas expectativas: o motor a jacto, a televisão, a energia atómica e as naves espaciais. Na ressaca do conflito mortífero que foi a Segunda Guerra Mundial, depois de exemplarmente castigados os maus, o mundo moderno viveu um período de moderado optimismo, convencido de que, agora sim, era capaz de impor uma nova ordem que traria a paz, a justiça e o progresso.

Ora, o pós-modernismo é o oposto de tudo isto. Antes de mais nada, porque nasceu com o vazio ideológico (ou, no mínimo, porque substituiu as ideologias pesadas por outras menos abrangentes como a ecologia, ou por declarações grandiloquentes, como é o caso da tão falada «solidariedade social»). Mas, além disso, ficou também

*Director do Serviço de Medicina 1 do Hospital de Santo António dos Capuchos, Lisboa

marcado pela contaminação da actividade criativa (evidente, por exemplo, na arquitectura, na arte conceptual e nas músicas de fusão), por um certo pessimismo em relação aos destinos do Homem e, finalmente, pelos deslumbrantes avanços tecnológicos ligados à electrónica e aos micro-processadores, os quais permitiram que os progressos científicos se democratizassem e se tornassem acessíveis ao cidadão comum. Correndo o risco de caricaturar, pode dizer-se que, no modernismo, as famílias se deixaram conquistar pela electromecânica (automóveis, frigoríficos, máquinas de lavar e gira-discos), símbolos de um certo bem-estar, enquanto, no pós-modernismo, se renderam à electrónica (televisão, vídeo, telemóvel e computador) que lhes proporcionou uma relação inteiramente nova com um mundo que, até aí, em grande parte desconheciam. Informação e comunicação passaram a ser as marcas dominantes duma época que viu nascer a «aldeia global».

Tal como acontecera com o modernismo, o pós-modernismo criou um universo cultural próprio que funcionou como catalizador de grandes transformações sociais, algumas das quais com efeitos perversos. É neste contexto que, sobretudo nos E.U.A., o pós-modernismo (e o seu parente mais próximo, o relativismo) tem sido objecto de um aceso debate por parte de pensadores e de políticos. Considerado responsável pela onda de irresponsabilidade e pela perda de padrões da sociedade norte-americana, o pós-modernismo está a provocar uma reacção conservadora que corre o risco de se radicalizar. A isto os liberais procuram responder com a revalorização da responsabilidade individual e com a clara afirmação de que a sociedade liberal não é neutra no que diz respeito à virtude e possui os seus próprios padrões de referência.

Seja qual for o resultado deste debate (que não pode deixar de recordar aquele que se gerou entre nós acerca da «geração rasca»), o que parece certo é que ambas as partes rejeitarão a «cultura da irresponsabilidade» e que o pós-modernismo, com os seus dias contados, em breve cederá o lugar a outro «ismo» que, chame-se como se chamar, será sempre um «pós-pós-modernismo».

Apesar de correr o risco de estar a pisar terrenos em que não sou especialista, pareceu-me indispensável esta introdução para situar a seguinte questão: será que existiu também uma Medicina moderna a que se seguiu uma Medicina pós-moderna? À primeira vista, parece-me evidente que sim, mas vou tentar explicar porquê.

Lewis Thomas, no seu livro *The medusa and the snail*, situa os primórdios da Medicina moderna por volta dos anos 30, altura em que a penicilina e as sulfamidas fizeram a sua entrada triunfal na farmacopeia. Embora acentue que isso só foi possível graças aos conhecimentos de bacteriologia acumulados nos finais do século XIX, admite que a descoberta daquelas duas drogas marca uma

viragem decisiva, porque (à excepção de algumas situações isoladas anteriores) só a partir daí os médicos passaram a dispor do espantoso poder de curar doenças.

Mas, se este novo poder foi sem dúvida importante, constitui apenas uma pequena amostra daquilo que a seguir se iria passar. De facto, a descoberta da penicilina e das sulfamidas despoletou uma série de acontecimentos que mudaram a face da Medicina e lhe abriram as portas da época moderna. Senão, vejamos.

Em primeiro lugar, instalou-se no meio médico um optimismo com o seu quê de triunfalismo. O caso não era para menos: se com meia dúzia de injecções era possível controlar situações tão graves como as sepsis estafilocócicas e as febres puerperais, parecia também legítimo esperar que, em breve, novos «antibióticos» seriam capazes de, selectivamente, dar cabo de outras células que, por procesos biológicos perversos, se tinham tornado estranhas para o organismo que as tinha gerado: as células cancerosas.

Mas outra das consequências mais marcantes foi o súbito interesse dos grandes empórios da indústria química pelo sector dos medicamentos. Para o bem e para o mal, a Medicina iria, a partir daí, ter que co-habitar com os laboratórios de indústria farmacêutica e adaptar-se às complicadas regras de *marketing* destes novos parceiros. Mas, em contrapartida, iria, também, sem dúvida, beneficiar de gigantescos programas de investigação que puseram à sua disposição uma enorme variedade de drogas, cujas moléculas, manipuladas e transformadas por modernas tecnologias, permitiram dar resposta às mais caprichosas exigências. Diuréticos, corticosteróides, benzodiazepinas, agentes alquilantes, beta-bloqueantes, inibidores dos receptores H₂ — são alguns dos medicamentos que, entre muitos outros, mudaram o curso da Medicina.

A Medicina moderna ficaria ainda marcada por outro acontecimento de enorme importância: a ascensão e o apogeu da Cirurgia. É sabido que, até finais do século XIX, os cirurgiões-barbeiros eram uma classe sem qualquer categoria. Ilustrados, sem acesso aos graus académicos, limitavam-se a tratar feridas e traumatismos e a executar actos cirúrgicos considerados «imperiosos»: extracção de projecteis, amputações de membros esmagados, cesarianas, drenagens de abscessos. Os resultados eram irregulares, mas quase sempre desastrosos.

O baixo estatuto social dos cirurgiões de então ficou bem documentado no diploma com que Luís XIV agraciou Charles-François Felix, que teve a coragem de lhe tratar, com êxito, uma fístula anal. O texto do Rei-Sol terminava com esta frase esclarecedora: «...sem que o exercício de cirurgião o faça perder a sua qualidade de nobre».

Com os progressos da microbiologia, nos últimos 20 anos do século XIX, a Cirurgia começou a emergir de

uma época negra e, timidamente, ensaiou as primeiras intervenções programadas. Mas é só com o aparecimento dos três aas (assepsia, anestesia e antibióticos) que se irá impor como grande vedeta. Os antigos barbeiros passam a «*grands patrons*», enchem-se de honrarias e de dinheiro, e ascendem aos mais elevados graus da escala social. A pouco e pouco, deixa de haver territórios tabus para a Cirurgia, e os heróis do bisturi lançam-se sobre os pulmões, sobre o coração e, até, sobre o sistema nervoso central, com o mesmo à-vontade com que anteriormente operavam hemorróidas. Assiste-se, assim, ao triunfo incontestado da técnica cirúrgica que, no essencial, se baseava nos três gestos que tinham sido definidos no século anterior: diérese, exérese e síntese.

Mas a Medicina moderna não ficaria por aqui e iria ainda produzir uma ideia generosa e brilhante: o direito universal à saúde. Nascia assim o Estado-Providência que, em linhas gerais, garantia a todos os cidadãos o acesso aos chamados «cuidados de saúde» e que, entre nós, depois do arranque das «Caixas», nos anos 40, iria ter a sua girândola final com a Lei Arnaut.

Estava, assim, criado o cenário completo duma época cheia de espantosas descobertas, de justificadas esperanças e de ideias generosas, mas que, como tudo na vida, iria esgotar-se para dar lugar a uma nova realidade.

No fim dos anos 60, começaram a surgir os primeiros sinais de que alguma coisa estava a correr mal. De facto, o optimismo criado pela descoberta dos antibióticos parecia pecar por excesso. Algumas bactérias, como o estafilococo *aureus* e os microrganismos Gram-negativos, adquiriam rapidamente mecanismos de defesa que lhes permitiam sobreviver e tornar-se, até, mais agressivos. Em 1976, surgiu o episódio da *Legionella*, que embora rapidamente resolvido, deixou atrás de si uma certa sensação de mal-estar: afinal, existiam bactérias desconhecidas, difíceis de isolar pelos métodos convencionais e que, ainda por cima, provocavam doenças mortais.

Mas os golpes mais rudes no optimismo da Medicina moderna vieram a seguir. O primeiro foi o aparecimento do síndrome de imunodeficiência adquirida, acontecimento inesperado que veio pôr à prova os conhecimentos científicos e os recursos tecnológicos da época. É certo que o tempo gasto pelos cientistas para identificar o vírus responsável, para lhe devassar as entranhas e para lhe detectar o rasto serológico, bateu todos os recordes absolutos de velocidade. Mas também é verdade que, ao fim de quinze anos de ultra-sofisticados programas de investigação, pouco mais existe para oferecer do que conselhos piedosos e métodos primários (e pouco românticos) de protecção contra a doença.

Os surtos de ébola e, mais recentemente, o episódio das vacas loucas com a entrada em cena dos misteriosos príões, vieram reforçar ainda mais esta estranha sensação de vulnerabilidade e de insegurança. Além de que as

esperanças depositadas na descoberta de eficazes medicamentos anticancerosos, numa extrapolação do que se tinha passado com as doenças bacterianas, acabou por não se confirmar até agora. O optimismo da Medicina moderna desvanecia-se assim, para dar lugar a uma certa descrença, típica de um pós-modernismo esvaziado de ideologias e de idealismos.

Contudo, se algo pode dar uma imagem expressiva da Medicina pós-moderna e criar um contraponto de optimismo, é a invasão maciça das novas tecnologias. TAC, ecografia, ressonância magnética, endoscópios de fibra óptica, microcâmaras de televisão, monitores digitais transformaram completamente a prática médica. A clínica sofreu uma enorme desvalorização porque agora passava a ser possível «ver» aquilo que antigamente se inferia através de laboriosos raciocínios. Algumas especialidades, como a Oftalmologia e a O.R.L., que mais beneficiaram dos métodos da microcirurgia, passaram a realizar verdadeiros prodígios, embora continuando a desconhecer a natureza de muitas das doenças que tratam. E a informática, ao alcance de todos, permitiu a comunicação e a troca de conhecimentos médicos com uma eficácia e uma rapidez espantosas.

Entretanto, a Cirurgia clássica (a tal da diérese, da exérese e da síntese) começou a ser objecto de um cerco que se aperta dia a dia. LASER, cirurgia endoscópica e cirurgia laparoscópica (juntamente com a deserção de patologias que anteriormente lhe pertenciam, como a úlcera péptica), começaram, lenta mas inexoravelmente, a reduzir o seu campo de acção, de tal maneira que, a médio prazo, tudo leva a crer que fique confinada a três ttt: traumatismos, tumores e transplantes.

Por fim, a Medicina pós-moderna está marcada por mais dois fenómenos de peso: a contaminação e a rotura financeira.

É preciso deixar bem claro que, neste contexto, a palavra «contaminação» nada tem de pejorativo. A questão é esta: até ao fim dos anos 60, o exercício da Medicina pertencia quase exclusivamente aos médicos e baseava-se num conjunto de disciplinas e de técnicas que só eles conheciam. A partir daí, tudo se modificou: novas disciplinas como a bio-ética, a qualidade e a gestão (que os médicos dominavam menos bem) fizeram a sua aparição e a Medicina passou a ser partilhada por uma enorme variedade de novas profissões. Além disso, ganhou um peso financeiro e político que anteriormente não tinha e, por isso mesmo, ficou à mercê da curiosidade e da voracidade dos jornalistas.

Tudo isto teve vantagens que se traduziram no alargamento do debate de algumas questões essenciais e nas contribuições trazidas por áreas profissionais extra-médicas. Mas teve também alguns efeitos perversos, com reflexos negativos na opinião pública, nos consumos e na aceitação generalizada de algumas falácias que não têm qual-

quer fundamento científico. Instalou-se, assim, um certo «relativismo» que leva a colocar, em plano de igualdade, opiniões fundamentadas na competência, na experiência e na reflexão, com outras que pouco mais são do que irresponsáveis. E é um facto que os médicos passaram a preocupar-se, legitimamente, com as intervenções de uma Imprensa não especializada (também ela pós-moderna) que transmite erros sistemáticos como derrame «plural», pneumónia «lombar», ou operação ao «nariz» (em vez de operação ao aneurisma).

Mas a Medicina pós-moderna está ainda confrontada com outra questão fundamental: a rotura financeira e o fim do Estado-Providência. As causas decorrem, entre outras, do envelhecimento das populações e das tecnologias cada vez mais dispendiosas. As soluções não são simples e constituem um desafio à imaginação de médicos, economistas e políticos. Para já, finou-se a ideia de que o direito universal à saúde significa que ela não custa dinheiro: alguém, de uma maneira ou de outra, terá que a pagar, e esse alguém são os próprios cidadãos e não qualquer entidade mítica. Conseguir um sistema de financiamento eficaz, que simultaneamente garanta a equidade do acesso, constitui um dos maiores desafios que se colocam àqueles que têm que fazer opções na área da Saúde.

Vimos que um certo desencanto (para não dizer mesmo pessimismo), uma forte influência das novas tecnologias, os primeiros sinais de um recuo da Cirurgia tradicional, a participação maciça de profissionais de múltiplas áreas não médicas e o princípio do fim do Estado-Providência são os componentes que mais marcaram a Medicina a partir dos anos 70. É claro que tudo quanto se relaciona com a história cultural do Homem constitui um processo contínuo, e compartimentá-lo em fases bem definidas, como procurámos fazer, será sempre uma tentativa artificial para compreender uma realidade complexa em que coexistem componentes de várias épocas. Mas, para uma geração, como a minha, que iniciou a vida clínica no fim da década de 50, são perfeitamente claras as diferenças e os contrapontos entre aquilo que então se considerava ser a Medicina moderna e aquela que existe hoje e que, numa extrapolação com o que se passa noutros campos, nos atrevemos a chamar Medicina pós-moderna.

Reflectir sobre tudo isto pode ser útil para compreender as transformações que o século XXI trará à prática médica e que serão, provavelmente, ainda mais rápidas e profundas do que foram até aqui.

Bibliografia consultada

Espada J C. Os liberais na encruzilhada. Público, 24 de Julho de 1995.
Espada J C. Livros de férias (I). Público, 5 de Agosto de 1996.
Hobshawm E. Age of Extremes The Short Twentieth Century (1914-

1991), Versão port.: Editorial Presença, Lisboa, 1996.
Thomas L. The medusa and the snail. Trad. port.: Gradiva, 1983.
Wangenstee O H, Wangensteen S D. The rise of Surgery. University Press. Minneapolis, 1978.